

CAPÍTULO 25

O JOGO CORPORAL NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DO ENSINO INCLUSIVO

Andreia Silva de Melo
Marcilio de Souza Vieira

RESUMO

O trabalho traz uma reflexão sobre a inclusão de alunos com surdez na escola e as possibilidades de ensino nas aulas de dança para o Ensino Fundamental II. Trata-se de um relato de experiência na Escola Municipal de 1º e 2º graus Vicente de França Monte, localizada no Município de São Gonçalo do Amarante/RN. Dentre as viabilidades para se trabalhar com a educação artística, elegeu-se partir de investigações corporais, por meio do jogo, como ponto referencial para a intervenção pedagógica. O escrito tem por objetivos refletir sobre as contribuições do jogo para o ensino da dança com crianças surdas e ouvintes; e indicar uma possibilidade de trabalhar a dança por meio do jogo. A metodologia utilizada envolve a pesquisa descritiva qualitativa sob um viés do estudo de caso instrumental. A escolha do tema proposto favorece ao conhecimento, à valorização e ressignificação corporal por parte dos discentes, bem como, contribui para o entendimento das relações inclusivas e simbólicas que se inscrevem historicamente pelo corpo. Percebe-se que trabalhar com o conteúdo, de forma inclusiva, permite ampliar as visões intrínsecas dos educandos sobre o modo de perceber o mundo, como também, possibilita a descoberta de outros modos de contextualizar a dança a partir das experiências vividas pelos alunos no decorrer da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Educação Inclusiva. Ensino da Dança. Surdez.

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar numa educação inclusiva, vislumbra-se a necessidade de atender pessoas com deficiência, afirmando a garantia educacional dos seus direitos de aprendizagem e comunicação, como cidadãos participantes de uma sociedade democrática. As vivências desses alunos com ou sem deficiência que estão integrados no espaço escolar, são construídas socialmente por meio de relações que ultrapassam o ensino formal, como as interações com o outro e as vivências diárias na própria comunidade. Aquelas permitem ao educando a própria formação, além de edificar o seu conhecimento cultural, social e educacional. A escola faz parte desse ambiente, no qual, esse sujeito irá crescer e aprimorar seus saberes, vivenciar novas formas de observar o mundo e se relacionar com o outro.

É nesse espaço escolar que o discente com deficiência pode se desenvolver culturalmente, trabalhar os próprios pontos de vista, socializar e interagir com o outro. Dessa forma, o aluno surdo, objeto desse estudo, que está inserido nessa instituição de ensino formal, deve ter direito a desenvolver uma aprendizagem, que transcenda a formalidade e envolva a competência humana, pois, dentro da escola, ele passa por experiências que abordam valores ao seu cotidiano.

A escolha dessa escrita surgiu devido ao fazer pedagógico como arte educadora em uma Escola Municipal que possui alunos surdos e sentir a necessidade de planejar aulas que pudessem incluir todos os discentes numa atividade educativa, pois, no cotidiano escolar, sempre permeava a questão por que deixar alguns indivíduos de lado da aprendizagem total se é possível planejar aulas para atender toda a turma?

Nessa direção, buscou-se unir os conhecimentos acadêmicos e profissionais com Dança, para desenvolver um projeto pedagógico, a fim de auxiliar a necessidade dos estudantes e contribuir com um processo educacional inclusivo, visto que a pesquisadora trabalha na Escola Municipal de 1º e 2º graus Vicente de França Monte, localizada no município de São Gonçalo do Amarante (RN), e observa os alunos surdos, muitas vezes, serem deixados de lado no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dessa inquietação e de estudos anteriores²³ com a temática em tela foi-se delineando este escrito que afirma um educar com sensibilidade através de jogos corporais e dança em interfaces com a LIBRAS de modo que a construção do conhecimento se dê no/pelo corpo/sujeito aberto às relações entre o individual e o coletivo.

Por se tratar de um recorte da tese que lança o olhar para alunos surdos e ouvintes de uma turma do 6º ano “B” da Escola Municipal de 1º e 2º graus Vicente de França Monte, foi feito um diagnóstico inicial e histórico com todos os alunos, visando oportunizar uma intervenção pedagógica que buscasse atender diferentes indivíduos surdos e ouvintes e, que esses pudessem participar ativamente das aulas de Dança. Definiu-se que o estudo apresentado abordaria esse foco interventor, baseado nos escritos de Damiani *et al.* (2013) sobre a teoria histórico-cultural, pois a ação contribui pedagogicamente na produção do conhecimento e diminui a distância entre teoria e prática, tanto da produção acadêmica como do âmbito educacional.

Logo, o estudo na escola oportunizou, por meio da intervenção pedagógica com a LIBRAS, contribuir de maneira prático-pedagógica com a arte da dança, refletindo sobre os benefícios dessa ação no meio estudantil, permitindo colaborar com a ampliação desse conhecimento junto aos demais educandos, com explicações dos conteúdos que envolviam jogos corporais que intencionassem o dançar, a partir das explicações da professora para

²³ Melo, Andreia da Silva. O jogo pode se transformar em dança: uma intervenção pedagógica inclusiva na escola pública. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes). UFRN. Natal: UFRN, 2020.

ouvintes e não ouvintes por meio da LIBRAS e suas adaptações ao ensino da dança em sala de aula.

Dentre as várias possibilidades com dança elegeu-se trabalhar a partir do jogo corporal a fim de promover a prática e a (re)descoberta do corpo entre os estudantes, pois, o jogo desde a infância faz parte da aprendizagem e, por ser algo intrínseco à criança, pode ser melhor explorado pelos indivíduos nas oficinas²⁴.

A proposta nessas interfaces jogos corporais e dança foi de estabelecer a relação desses jogos (como por exemplo, ao utilizar o andar), na descoberta do corpo e, de forma acadêmica, apresentar, de acordo com os estudos do movimento humano²⁵, uma proposição para abordar a dança na escola.

Para essa escrita foram desenvolvidos exercícios em sala de aula, com base nas experiências profissionais e acadêmicas com a dança da pesquisadora e, também como pesquisadora/docente, no intuito de entender como os alunos observam o próprio corpo, o corpo do outro e como trabalham em coletivo.

A escolha do tema proposto favorece ao conhecimento e à valorização da conscientização corporal, bem como, fomenta no espaço escolar a possibilidade de atribuir outros sentidos de ensinar e aprender por meio do corpo. Nesse caso, dedicar-se a dança, por meio do jogo é uma forma de trazer para a escola um saber presente no corpo dos alunos, experimentar maneiras diversas de vivenciá-lo e ampliar a compreensão junto a eles de como utilizar essa aprendizagem em meio à comunidade escolar e fora dela.

As singularidades corporais desses sujeitos podem ser potencializadas no mundo da dança, a partir do jogo, para que eles possam viver e passem a reconhecer a própria história, por meio do corpo. Essa visão, abre a possibilidade de aprendizagem por meio da Arte/Dança, principalmente para os surdos que observam e se comunicam com o mundo pela linguagem visual e espacial. Pensando nisso, essa possibilidade de ensino, nas aulas de arte da escola, a partir dos jogos corporais, busca trazer uma discussão em torno da viabilidade de tratar esse conteúdo educativo, de maneira que os educandos participem ativamente do processo de aprendizagem corporal.

²⁴ É imperioso ressaltar que além das aulas ministradas durante o calendário escolar, também foram oportunizadas oficinas com práticas voltadas ao trabalho do jogo corporal.

²⁵ Referente aos descritos por Rudolf Laban (1978), como no trabalho com fatores de movimento Peso, Tempo e Espaço, onde podem ser criadas e experimentadas sequências de movimentos.

Diante dessas considerações, deve-se lembrar que, no Brasil, utiliza-se a Língua Brasileira de Sinais para ensinar a crianças surdas ou pessoas que adquiram surdez. Essa é a primeira língua a ser lecionada ao surdo, por isso, é considerada pela cultura, como língua materna, visto que essa linguagem viso-espacial apresenta valor comunicativo e oportuniza diversas finalidades para o indivíduo na sua forma de sentir, pensar, comunicar, raciocinar e se expressar sobre o mundo em que vive.

Nessa trajetória, é possível ressaltar que as interações corporais, apresentam-se repletas de símbolos significativos e possibilitam a aprendizagem e a socialização dessas pessoas ao cenário educacional, auxiliando-os a compreender melhor a própria trajetória de vida a partir da maneira que conhecem a si, ao outro e, conseqüentemente, assimilam o meio.

Destarte, entendo que o processo de aquisição do conhecimento do corpo para os discentes, ouvintes e surdos, seria voltado à inclusão de todos, primeiro por meio do uso da Língua de Sinais e do Português (como língua oral) e depois, com o uso de gestos combinados com o grupo.

Considerando as afirmações já anunciadas, procura-se estudar o ensino por meio do jogo no corpo, sem o uso da música, facilitando a descoberta corporal de todos. Nessa perspectiva, Marques (2012) indaga sobre a necessidade do recurso musical na dança, quando pergunta se é algo realmente necessário para proporcionar o dançar. Para esse trabalho, escolheu-se não utilizar melodia nas oficinas, pois é um recurso que pode ou não ser implementado para promover a dança e, na oportunidade, o objetivo dos jogos corporais e da dança na escola é possibilitar uma educação inclusiva.

Baseado nessa proposta, este escrito tem por objetivos refletir sobre as contribuições do jogo para o ensino da dança com crianças surdas e ouvintes; indicar uma possibilidade de trabalhar a dança por meio do jogo, com discentes do sexto ano do Ensino Fundamental II da escola pública, objetivando uma prática corporal que viabilize a inclusão. E as descobertas corporais desses estudantes podem potencializar um novo olhar sobre a forma de ver, aprender, dialogar e vivenciar a educação pela Dança, no/pelo corpo.

Entendo que refletir sobre a dança como educação inclusiva é importante, pois valoriza a aprendizagem dos alunos com deficiência e principalmente aos surdos que estão presentes na escola que muitas vezes não são reconhecidos pelos próprios professores, gestores e alunos ali inseridos, o que restringe o diálogo apenas à comunidade surda que os acolhe.

Trazer esse conteúdo para a escola, sob a perspectiva da Arte através dos jogos corporais e da dança, favorece o entendimento das relações históricas de movimento e de formas inclusivas que se inscrevem no processo educacional, pois envolve os discentes em vivências visuais e corporais ao propiciar o conhecimento e a comunicação dessas linguagens. Assim, eles podem compreender e se conscientizar sobre a relação do olhar o corpo, o outro, perceber e dialogar com o meio social ao qual pertencem.

Diante desses aspectos, o escrito se debruça sobre uma das possibilidades de ensino do jogo corporal na escola como uma forma de aprender a dança, buscando trazer uma discussão em torno da viabilidade de tratar esse conteúdo de maneira inclusiva no intuito dos educandos participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, o trabalho por meio de uma intervenção pedagógica, a partir do jogo como conteúdo, visa promover a dança na escola. Assim, o estudo busca oportunizar um ensino inclusivo no qual todos os educandos possam participar de uma mesma atividade, contribuindo para alicerçar os saberes intrínsecos e individuais dos sujeitos e, dessa maneira, possibilitar uma abordagem inclusiva.

A metodologia utilizada neste estudo envolve a pesquisa descritiva qualitativa sob um viés do estudo de caso instrumental, pois no primeiro ponto envolve a descrição e observação de um determinado grupo de estudantes (GIL, 2002). A autora deste escrito, como pesquisadora participante, considera as opiniões e atitudes desses indivíduos importantes no desempenho das atividades como também, abrange no segundo ponto, por meio do estudo de caso instrumental: o esclarecimento do problema; as pessoas a serem atendidas; a elaboração de um projeto/relatório e; a avaliação dos dados obtidos (GIL, 2002).

Na oportunidade, foram desenvolvidas oficinas no intuito de estimular e apresentar vivências educativas inclusivas, com aulas práticas para os educandos envolvendo o uso do jogo corporal, a fim de atender aos alunos da rede pública de ensino. Para este estudo, encontrei em Huizinga (2007) o jogo como ponto integrante de um exercício significativo e como prática social, relevante para a escola, pois o jogo vislumbra a ação e abre possibilidades para criar e, nessa direção, potencializa o saber do educando na aprendizagem pelo corpo.

Entendo que contemplar o ensino inclusivo aos estudantes surdos e ouvintes por meio do jogo corporal no ambiente educacional, contribui para a formação de vínculo entre todos os alunos e, principalmente, na aproximação dos conteúdos abordados pelo professor na escola em relação aos processos históricos de inclusão. Assim, as abordagens metodológicas do

trabalho se apresentam como possibilidade para a produção de conhecimentos reflexivos sobre a atuação da Dança como conteúdo inclusivo e permitem ampliar saberes no espaço de ensino.

Nessa trajetória, no caminho de fortalecer a inclusão como ótica de ensino, o jogo corporal pode contribuir na aprendizagem do corpo, na forma de dialogar com o outro, com o espaço e o tempo, de maneiras diversificadas, como também pode favorecer a inclusão de todos na participação das vivências, seja o aluno surdo ou ouvinte.

Ademais, o corpo como veículo de aprendizagem pode experienciar por meio desses elementos da dança a própria estrutura, a imobilidade, o deslocamento²⁶, que podem ajudar ao estudante a reconhecer possibilidades de movimento, que venham a constituir as próprias danças. Nessa via, a escola pode proporcionar novos campos em que as disciplinas, linguagens e saberes como a dança venham a se manifestar na construção do conhecimento humano.

Ao longo dos parágrafos desse escrito, existe a descrição e reflexão sobre o relato de experiência corporal realizado com os educandos surdos e ouvintes do Ensino Fundamental II, na Escola Municipal de 1º e 2º graus, localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte afirmando um educar com sensibilidade como modo de construção do conhecimento que se dá no corpo através dos jogos corporais e da dança. Para esse estudo, o jogo corporal é discutido no processo de intervenção pedagógica no intuito de proporcionar uma educação inclusiva através da dança. Para tal empreitada, observa-se as propostas metodológicas de Rudolf Laban como fundamentações necessárias para alicerçar o trabalho de corpo com os alunos. E ainda, disserta-se sobre uma possibilidade de ensino inclusivo com dança por meio do trabalho com o jogo do/no corpo, na qual visa proporcionar dentro do ambiente escolar um ensino aprendizagem que possa dialogar com diferentes sujeitos respeitando a individualidade e fomentando a participação de todos.

2. DESENVOLVIMENTO

O relato deste trabalho é apenas um recorte da tese, comparado ao projeto corporal no qual a professora de Artes vem desenvolvendo, ao longo do ano de 2022. Este escrito revela apenas uma das possibilidades de jogo com o corpo, de maneira inclusiva, para alunos da rede pública municipal de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte.

²⁶ Trabalhar corporalmente, o ritmo do tempo, as formas, as progressões, direções distintas e os níveis espaciais.

No início da prática com o corpo em sala de aula, foram aplicados alguns ensinamentos que a pesquisadora havia aprendido no Departamento de Artes da UFRN, especificamente na oficina Rhythm and Acting, ministrada pela austríaca, professora da Escola de Música de Viena, Angelika Hauser-Dellefant. Como aluna participante da oficina, a experiência foi marcada por um processo de criação com o corpo, onde o espaço e os sons emitidos corporalmente eram protagonistas da vivência.

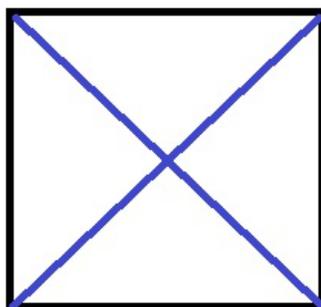
Dentro da Universidade, a professora Angelika Hauser-Dellefant propunha no aquecimento, criações que envolviam representações sonoras, como conduzir pequenas batidas em diferentes regiões do corpo, assim como descobrir os lugares e os espaços que possuem ossos. Além disso, os trabalhos na oficina também se diversificaram pelo uso do espaço, do tempo e da condução das ações corporais.

Para o projeto escolar, o exercício se fixou em relação ao trabalho com as qualidades do movimento humano de Laban. E ao longo desse escrito, será relatado em como buscou-se aliar o vivenciado na oficina de Angelika, para trazer aos discentes e, especificamente para essa sala de aula, uma experiência corporal.

Inicialmente, a experiência com a turma em sala de aula foi marcada pelo aquecimento por meio toque. Na disposição do espaço, fez-se um grande círculo com todos de pé e começaram a ser exercidas pequenas batidas, de forma leve, com a ponta dos dedos das mãos no chão, passando respectivamente pelos pés, pernas nas áreas internas e externas, nádegas, barriga, costas, ombros, externo, braços, mãos, garganta, bochechas, testa, até os dedos chegarem ao topo da cabeça e os braços abrirem para o alto, reiniciando, mais uma vez todo o processo. Esse exercício chegou a ser repetido algumas vezes.

As propostas seguintes são parecidas com as indicações da oficina de Angelika Hauser-Dellefant e se diferenciam apenas pela inserção, devagar, das proposições do exercício no jogo. Na escola, a sala de aula foi dividida por meio do tapete, com um grande quadrado, além da marcação das linhas físicas nas extremidades do objeto (como essas linhas apresentadas abaixo, no quadrado preto), linhas imaginárias em forma de “X” cortavam o centro (como pode-se visualizar em tonalidade azul). Essa representação inicial pôde ser melhor explicada, num desenho na lousa, assim como na imagem que se segue.

Desenho 1: Primeiro rabisco do percurso espacial.



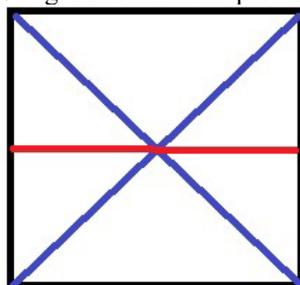
Fonte: Autoria própria (2022).

A atividade era explicada em LIBRAS, ao mesmo tempo em que a professora oralizava em Português. Além disso, a docente também participava da exemplificação dos exercícios e, por isso, muitas vezes, não conseguia parar, para documentar as imagens necessárias. Inclusive, muitos dos registros inseridos aqui foram momentos em que a aula foi paralisada, no intuito da professora, pegar uma câmera e conseguir registrar as imagens. Por isso que, a descrição dos desenhos aparece por meio da imagem digital, no intuito de explicar de forma detalhada, sobre as etapas do percurso corporal.

Na sala de aula, depois dos educandos visualizarem o desenho no quadro, foi solicitado para percorrerem o mesmo desenho, imaginando aquela figura no tapete. Depois, buscou-se inserir as ações de andar e parar, mas algumas vezes, a professora precisava intervir no exercício, para explicar que mesmo um colega posicionado à frente, um amigo poderia ultrapassá-lo e seguir no espaço. Também foi lembrado aos estudantes para tentarem preencher melhor toda a sala.

Após compreenderem essas regras no jogo, a docente partiu para mais um comando, a mudança de direções. Essa poderia ser seguida da caminhada de lado e de costas, além da total rotação do tronco para o outro lado. Os discentes não demoraram a entender essa ação, então a pesquisadora aproveitou para inserir mais uma reta na figura, como é possível observar abaixo, por meio da linha em vermelho.

Desenho 2: Segundo rabisco do percurso espacial.



Fonte: Autoria própria (2022).

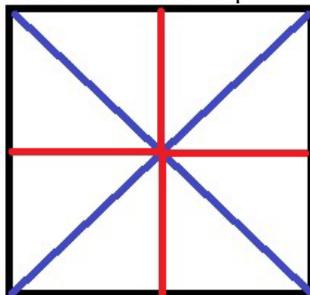
Na sequência da atividade, a professora implementou as ações corporais, o trabalho com o tempo lento e rápido. Nessa dinâmica, em alguns momentos, como o tapete não é do tamanho da sala, os alunos acabavam se esbarrando nos espaços em que as linhas se cruzam ou se encontram. Em outros instantes, isso ocorria por falta de atenção, como também ocorria com os adultos na oficina da austríaca. Mas especificamente sobre os estudantes é interessante relatar, o quanto a surda se mantinha concentrada nas ações, em relação aos demais colegas. Algumas vezes, ocorreu de um amigo tentar realizar uma brincadeira, para tentar desconcentrar os outros, mas a surda em diversos momentos, buscava propor algo novo para o trabalho.

Depois da inserção do tempo na caminhada, na qual o andar rápido estava quase se transformando numa corrida, a professora inseriu a ação de correr e, na sequência, os níveis espaciais (baixo, médio e alto), seguida de ações como pular e deitar. Então, nessa proposta, os alunos podiam experimentar transitar nessas retas, entre os diferentes tempos trabalhados, como também, exercitar as ações cotidianas implementadas ao longo do espaço. O exercício virou um jogo e o jogo das ações com as experiências corporais, tornava-se dança.

Em outro encontro, buscou-se dar uma nova configuração e trazer de forma mais simplificada os exercícios propostos por Angelika, para realizar um aquecimento com os alunos. Assim, a professora Andreia solicitou para os alunos ficarem em pé, todos dispostos formando um círculo. O trabalho iniciou com a batida das pontas dos dedos das mãos, nos ossos do corpo, exemplificando para os estudantes que era apenas para tocar nos lugares “durinhos” do corpo. Na oportunidade, um esqueleto de plástico e outro de papel, foram trazidos novamente a sala, no intuito de relembrar aos educados onde ficam corporalmente situados os ossos.

Depois, com o dorso das mãos, também foram enfatizadas batidas ao longo do corpo, mas apenas nos lugares onde havia mais músculos, ou seja, nas regiões mais “molinhas”. Então, devagar com essas pequenas batidas em cada região, ao alunos foram redescobrimo a estrutura corporal, começando de baixo para cima. Nesses momentos, a professora permanecia ao lado da aluna surda, para que pudesse explicar em LIBRAS e, logo em seguida, demonstrar corporalmente o exercício.

Desenho 3: Terceiro rabisco do percurso espacial.



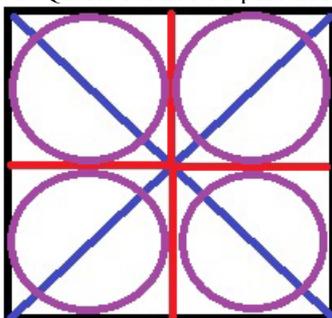
Fonte: Autoria própria (2022).

Em continuidade ao jogo, a docente inseriu ao quadrado mais uma linha imaginária na posição vertical. Na imagem, ela está marcada pela tonalidade vermelha e, será a última linha reta, implementada neste desenho acima. Essa mesma figura foi rabiscada na lousa da escola e os estudantes entenderam essa nova configuração.

Em uma outra atividade, agora em duplas, um amigo devia tentar guiar o outro, a partir das retas. Mas o parceiro que estava sendo guiado, tinha que permanecer de olhos fechados. Depois, as posições deveriam ser invertidas e, quem estava guiando deveria ser conduzido e o novo guia podia tentar fazer o mesmo percurso percorrido pelo primeiro. Nessa interação, os pequenos até tentaram realizar esse exercício, mas havia uma maior preocupação em não deixar o colega colidir em nada da sala, então, percorrer o mesmo trajeto ficou bem difícil.

Em uma nova proposta, agora com os discentes sozinhos e distribuídos pelo espaço, um amigo devia ser escolhido para começar um pega-pega. Foi lembrado aos educandos que os únicos espaços que deviam ser percorridos eram as retas. Os discentes gostaram muito dessa atividade, pois muitos queriam ser o “pega”. Como o espaço era pequeno para a quantidade de alunos, logo os estudantes foram divididos em grupos de cinco pessoas. A professora limitou o tempo, no intuito de todos participarem e ninguém sair machucado. Depois de todos se aventurarem nessa prática, linhas circulares foram inseridas ao desenho do quadrado, como pode ser observado abaixo, por meio da tonalidade em roxo.

Desenho 4: Quarto rabisco do percurso espacial.



Fonte: Autoria própria (2022).

Após a professora mostrar o novo desenho na lousa, foi solicitado aos estudantes que percorressem o espaço caminhando e, principalmente passando pelas linhas curvas, para ver se na prática haviam assimilado o rabisco igual ao desenho, como pode ser observado na imagem abaixo.

Figura 2: Mapeando o espaço.



Fonte: Autoria própria (2022).

Em seguida, assim como Angelika Hauser-Dellefant propôs na oficina, a professora entregou uma folha para cada um dos discentes e, sugeriu que pudessem realizar nessa, um rabisco do próprio caminho. Como inicialmente ficaram sem entender, inclusive a aluna surda, a professora fez uma imagem do próprio caminho e realizou também, a exemplificação do exercício junto a estudante surda, para que todos da sala pudessem entender melhor o proposto. Então, a partir do desenho inicial disposto pela educadora, cada estudante passou a criar o próprio desenho. Depois, os caminhos dos desenhos foram expostos ao chão, para que todos da sala pudessem observar o traçado. A docente perguntou a todos se havia entre as imagens alguma semelhança? Se os caminhos eram iguais? Mas, na representação das figuras, todos os riscos apresentavam diferenças entre si.

Sanada as dúvidas dos pequenos, partiu-se para a investigação corporal, cada discente com uma folha na mão, percorria o espaço tentando efetivar o percurso do próprio caminho. A professora permaneceu inicialmente ao lado da surda para verificar se ela havia compreendido a explicação. Alguns educandos, na tentativa de terminar rápido o trajeto, esqueciam de passar por determinado caminho ou andavam rapidamente e acabavam esbarrando em alguém. Outros, depois de haver explorado o caminho espacialmente, queriam aumentar ainda mais o desenho.

A professora solicitou aos estudantes para que se posicionassem novamente no início do caminho, a ideia era tornar o caminho traçado no papel, mais orgânico corporalmente. Depois informou aos alunos para prestarem atenção em quem cruzava o caminho deles. Num terceiro pedido, enunciou para andarem em meio ao percurso, o mais rápido possível. Em um quarto pedido, solicitou aos discentes para fecharem os olhos e tentarem fazer o caminho bem

devagar. A docente ajudou muito a surda neste momento, pois a audição ao percorrer o espaço se fez algo importante, além do tato, para não colidir com os demais educandos. Em um quinto pedido, os participantes ao longo do caminho, podiam criar interações, dinâmicas ou passos inventados, como poses e brincadeiras. Um aluno, por exemplo, realizou poses de uma determinada arte marcial; outros brincaram de jogar vôlei; e ainda houve uma amarelinha na sala. E num sexto pedido, a pesquisadora solicitou aos estudantes para andarem pelo espaço sem se preocupar com o caminho ou com as linhas, apenas caminhar, observando o espaço.

Na escola, como as aulas são curtas e, não havia como estender mais tempo para esse recurso. A professora solicitou aos discentes para que a partir do desenho já memorizado no espaço, pudessem pôr em prática a exploração de ações, como pular, correr, deitar, além de andar implementando a troca de direções. Todo este exercício também devia ser somado as qualidades de movimento trabalhadas anteriormente, como o tempo (rápido ou lento), a fluência (livre ou contida) e o peso (leve ou forte). Devido o tempo de aula ser curto para desenvolvermos esta última etapa, a investigação ficou proposta para a aula seguinte.

Em outro encontro, para iniciar o aquecimento, grupos de cinco ou seis pessoas foram criados e, um desses indivíduos deveria ficar em pé ao centro e, esse receberia uma massagem. Cada participante era responsável em massagear uma área do corpo do colega que estava em pé ao centro, como por exemplo: a cabeça, a perna, o braço ou a região do tronco. As áreas dos seios, genitais e nádegas eram proibidas. Havia também alguns discentes que ficavam envergonhados em participar do aquecimento em grupo. Nesses momentos, a professora perguntava à aquela criança em específico, se ela desejava realizar o exercício individualmente. Essa massagem foi parecida com a atividade anterior, realizada em dupla, onde um colega movimentava as mãos bem rápido (como se apertasse um pãozinho); depois alisava o local do corpo do amigo três vezes seguidas, de cima para baixo e, depois, quem massageava segurava o local do corpo outro, alongando a mesma parte para a extremidade.

Após o aquecimento, os alunos passaram a rememorar o caminho percorrido e trabalhado na última aula, incluindo a essa pesquisa, as qualidades do movimento humano de Laban. Como a pesquisadora, participava sempre das ações, ela se posicionava à frente mostrando os exemplos e as possibilidades que podiam ser lançadas no jogo. Devagar, os educandos passavam a observar e também a exhibir proposições corporais, na estrutura dos próprios caminhos. E no intuito de ajuda-los ainda mais, ela permanecia junto a eles, na perspectiva de orientar ou sanar qualquer dúvida.

Em outro momento, a turma foi dividida em dois grupos para que um educando pudesse mostrar o percurso estudado, enquanto o outro observaria a cena. Após algum tempo, a professora observou que o primeiro grupo passou a criar outro percurso, pois ao pedir que repetissem o caminho, eles não mais o sabiam. O segundo grupo, incluía aluna surda e, muitos discentes ficaram com vergonha de participar enquanto os outros assistiam, então a educadora entrou no espaço para contribuir com a movimentação. No entanto, a surda não tinha vergonha ou mostrava algum empecilho de movimentar-se diante dos colegas, ela permanecia concentrada, revelava que havia entendido e, apresentava a todos a própria sequência.

Em um outro dia, num novo encontro com os estudantes e, ainda inspirada pelas oficinas de Angelika Hauser-Dellefant, a professora começou o trabalho corporal na escola, por meio do exercício das caminhadas. Para isso, implementou o uso de cores em pequenas placas, no intuito de dar subsídio a essa proposta e, essa atividade funcionou da seguinte forma: a tonalidade vermelha indicava “parar” e a verde “movimento”, como nos sinais de trânsito; o amarelo configurava mudança de tempo e, a cor azul, o nível espacial; e a escolha entre o tempo rápido ou lento e, dos níveis (baixo, médio ou alto), ficava a critério dos estudantes que se movimentavam no espaço.

Para iniciar a condução do jogo, a professora passou a explicar devagar as ações, como também a ir inserindo aos poucos os comandos. Os discentes gostaram muito de participar dessa dinâmica, pois eles precisavam estar conectados as proposições das cores. Como os alunos só observavam a docente numa única frente, inclusive a surda, a pesquisadora resolveu aumentar o número de visualizações, entregando aos próprios alunos as placas com as mesmas cores descritas anteriormente, para que eles pudessem passar a conduzir propriamente o jogo.

Figura 3: Ações conduzidas por meio das placas.



Fonte: Autoria própria (2022).

A turma foi dividida em grupos, para que os educandos pudessem melhor desempenhar a movimentação corporal no espaço. Para cada lado da sala, ou seja, as quatro laterais, um aluno ficou em pé segurando uma placa e, esse ficaria responsável para desempenhar a função de

orientar os outros que estavam dançando ao centro, como pode ser observado na imagem acima. Também é possível observar um tapete disposto no espaço central, o material ao chão funcionou para que esses estudantes pudessem se envolver por completo nas ações corporais, principalmente entregando aos níveis médio e baixo.

É preciso também enunciar que os discentes que seguravam as plaquinhas eram os mais tímidos da sala e, dificilmente queriam se mostrar envolvidos em muitas ações corporais, mas para este exercício, eles aceitaram se aventurar em participar. Cada um desses educandos inicialmente, queria elevar o braço com uma placa, mas observaram que deviam ficar sempre atentos, para levantarem apenas a placa da mesma cor do amigo. Depois de algumas tentativas, os pequenos conseguiram entrar em sintonia.

Já os grupos que estavam ao centro dançando, geralmente se movimentavam com as ações parecidas com a dos amigos mais próximos. E, após algum tempo se movendo e experimentando diferentes ações pelo espaço demarcado, a professora intervia para que os outros grupos também pudessem participar.

Durante as aulas, a educadora passou a propor o jogo, inserir mais ou menos ações, assim como na sala de aula, outros colegas que estavam assistindo, puderam opinar sobre a movimentação dos mesmos. Ao final, os discentes criaram uma sequência de movimentos que se tornou também a própria sequência de dança.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse escrito tratou de um relato de experiência, por meio de uma intervenção pedagógica, a partir do jogo corporal, como conteúdo e proposta para promover a dança na escola. Ele é um recorte da tese de doutorado envolvendo o jogo do corpo na dança, por meio do uso da língua oral (Língua Portuguesa) e da língua de sinais (LIBRAS). O estudo surgiu no intuito de oportunizar um ensino inclusivo, no qual, todos os educandos de uma sala de aula, pudessem participar de uma mesma atividade, contribuindo para alicerçar os saberes intrínsecos e individuais que eles possuem e, assim, possibilitar uma abordagem inclusiva.

Ao final do processo, pode-se perceber que as aulas, por meio do jogo corporal, puderam contribuir para o ensino do corpo, na forma de dialogar com o outro, com o espaço e o tempo, de maneiras diversificadas, como também, favoreceram a inclusão de todos da turma, seja o aluno: surdo, ouvinte ou com deficiência.

É preciso salientar que os educandos do 6º ano do Ensino Fundamental II, em todo o processo, além dessa possibilidade descrita, tiveram abertura para abordar sobre os próprios

saberes do corpo e propor jogos, ao longo da pesquisa. Nesse processo, as experiências históricas e corporais trazidas pelos estudantes são consideradas, em cada atividade proposta.

O diálogo e a aprendizagem com o outro, por meio do jogo corporal, foram oportunizados com a intervenção pedagógica, contribuindo de forma prática com o estudo e abrindo espaço para se investigar a partir do brincar com o corpo, um dançar futuro, numa descoberta de possibilidades para promover novas composições coreográficas para esse público.

Essa ação inclusiva beneficiou a essa turma, promovendo uma maior aproximação entre os discentes, por meio do diálogo corporal. E aqueles que ainda não se falavam diariamente na sala ou tinham algum receio com outro colega de algo, eram provocados nos exercícios a interagirem.

Ao longo dos encontros na escola, exercícios anteriores antecederam essa proposta, permitindo que a experiência da pesquisadora na oficina de Angelika, trouxesse aos educandos da rede pública, uma contribuição que transpunha os saberes sobre o corpo, na socialização desses estudantes, ao oportunizá-los um contato, não somente na sala de aula, mas no espaço escolar como um todo. E conseqüentemente, essa ação inclusiva também, poderá se refletir em outros espaços sociais, nos quais, esses indivíduos vierem a dialogar.

Referente especificamente a surda, nesse processo socializatório, a criança demonstrou na maior parte dos encontros, uma disponibilidade corporal, não apenas para realizar os próprios exercícios, como também para jogar com o outro, ao formar duplas ou unir-se a qualquer indivíduo. Relembrar sobre ela, fez a pesquisadora pensar algumas vezes, que os alunos não queriam se unir a outra aluna com deficiência física, mas a surda não demonstrava receio em unir-se aos demais estudantes da turma.

É preciso falar que em uma das primeiras aulas, rememora-se os meninos querendo ficar mais próximos dos colegas do mesmo sexo, assim como, as meninas mostravam-se mais confortáveis e abertas a experimentar os exercícios, se estivessem próximas a outra amiga.

Em relação ao espaço físico da sala de aula, observa-se em alguns momentos, enquanto caminhavam em grupos que a disposição espacial, restringia a prática, pois o local possuía muitas cadeiras. Mas isso não influenciou aos alunos a desistirem, pois esses estavam dispostos a participar das atividades. Assim, eles se permitiam, na prática, explorar o próprio corpo no espaço e também, a conhecer o espaço da sala, enquanto realizavam os movimentos.

Como a professora estava sempre disposta a promover a participação de todos, permanecia presente ao lado dos alunos, para observar se todos haviam entendido o proposto. A docente ficava atenta principalmente a surda, pois precisava se comunicar por meio de duas línguas (a língua oral e a LIBRAS) e observar se todos haviam compreendido.

Mas, assim como a professora propunha um ensino e os desafiava no jogo, também aprendia com os pequenos nos exercícios. O imaginário desses alunos é fértil e quando estimulados, são capazes de surpreender, tanto nas respostas corporais, como na proposição de novas atividades.

Essa afirmação alicerça que é possível promover por meio do corpo, uma aprendizagem edificante dentro de uma instituição de ensino regular, baseada no jogo corporal. Pois, de acordo com as investigações corporais, a professora pôde entender que vivenciar uma aprendizagem por meio da postura, apoios, equilíbrios, diferentes pesos, direções, níveis, trabalhando as pausas, pôde ajudar a aprimorar o conjunto motor desses pequenos.

Ademais, o corpo como veículo de aprendizagem pôde experienciar por meio desses elementos da dança, a própria estrutura, a imobilidade, o deslocamento, o ritmo no tempo, as formas, as progressões, direções distintas e níveis espaciais, que os ajudaram a reconhecer possibilidades de movimento, que viessem a constituir as próprias danças. Nessa via, a escola pode proporcionar novos campos, onde as disciplinas, linguagens e saberes como a dança, venham a se manifestar na construção do conhecimento humano.

Dentro da escola, muitas professoras do Ensino Fundamental I e II perguntavam sobre o trabalho e, frequentemente, demonstravam curiosidade em conferir o mesmo, comparecendo a sala de aula, na qual ocorria a oficina. Elas afirmavam que a proposta se mostrava interessante e valorosa para as crianças.

Nesse sentido, as atividades de dança no cenário educacional podem ser diversas, valorizando a linguagem corporal e respeitando a identidade do indivíduo. Infelizmente, em algumas localidades, pode-se observar muitas ações de professores que ainda não reconhecem a construção de um processo artístico e, procuram elaborar apenas um produto para ser retratado nas festividades escolares.

É importante ressaltar que essa área de ensino da dança, até o presente momento, desvalorizada como forma de disciplina, pode promover um amplo conhecimento no âmbito educacional, do Ensino Fundamental II, por meio de uma construção metodológica, pautada nos contextos apresentados pela comunidade escolar.

Nessa direção é essencial respeitar o saber inerente e histórico de um povo, uma cultura, uma região, para estimular e reelaborar essa experiência na prática educativa. Para que isso possa acontecer, é necessário que o professor se permita vivenciar e construir outros saberes, na busca incansável de novos conhecimentos, com o olhar voltado, como diria Almeida (2016), para aquilo que a criança faz ou é capaz de fazer sozinha. Nesse caminho, o professor é responsável por mediar a interação social, encontrar novos caminhos possíveis para a apropriação do conhecimento e colaborar para uma educação de qualidade.

Nesse caso, promover uma prática inclusiva, por meio da dança, numa escola pública do interior do Estado, com crianças do Ensino Fundamental II; foi algo importante para a instituição, não só favorecendo o saber corporal intrínseco desses estudantes, como fazendo refletir a visão dos demais educadores e, do público escolar conviventes do meio. Desta forma, a aula de Arte promoveu uma possibilidade de aprendizagem, sobre o objeto de conhecimento da Dança.

Essa ação pode ajudar a estimular outros pensamentos sobre a forma de ensino e de conhecimento que se pode favorecer no espaço de ensino. Não somente pensar e planejar para atender as pessoas ditas “normais” pela sociedade, mas para pessoas com deficiência física, múltipla e principalmente para os surdos.

Nesse sentido, como professora de Arte e artista da dança, observa-se na escola, a dificuldade de inclusão desses sujeitos e resolveu-se agregar os saberes dessas crianças, a linguagem artística nas aulas de Arte. Uma proposta que desde o início, foi bem aceita pela gestão e pelos educandos.

Como educadora, constata-se que essa abordagem inclusiva ajudou: a reorganizar uma metodologia por meio da prática com dança, auxiliando o desenvolvimento psicomotor dos alunos, envolvendo-os num jogo corporal, em que se consideram as experiências histórico-corporais. Desta forma, essa foi uma das ações que promoveu a inclusão por meio do corpo, como saber educativo, mas ela pode ir além dessa localidade e ser disseminada em outros espaços que visem oportunizar o saber pelo corpo.

Assim, espera-se que as fissuras deixadas, nessa variável conclusão, possam ajudar a redesenhar uma nova configuração da dança em diversos territórios além da escola pública, por meio de docentes determinados, a ajudar alunos com deficiência ou surdos. E que esses alunos possam emergir na escola e na sociedade por meio da dança, como uma das formas de aprendizagem imersas ao corpo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. de S. **Que dança é essa?** uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Summus, 2016.

DAMIANI, M. F. *et al.* **Discutindo Pesquisas do tipo intervenção pedagógica.** Cadernos de Educação (FaE/PPGE/UFPEl) Pelotas: maio/agosto, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LABAN, R. **Domínio do movimento.** Ullmann L. (Org.). São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, I. A. **Interações:** crianças, dança e escola. São Paulo: Blucher, 2012.